

# Pernambuco refaz cartilha para sua realidade social

Evaldo Costa

**Recife** — Como pode um menino sertanejo, nascido e criado a centenas de quilômetros do mar, entender, enquanto cursa as primeiras séries do 1º grau, o que é uma enseada? E um filho de pescador, criado na beira da praia, conseguirá aprender os mistérios da selva ou os rigores da caatinga? Foi pensando nas dificuldades dos professores que, no dia-a-dia das escolas primárias precisam transmitir a crianças de oito a 10 anos conhecimentos sobre a geografia, a história e a cultura brasileiras, que a Secretaria de educação de Pernambuco começou a desenvolver uma série de cartilhas municipalizadas, que dão informações sobre o próprio município onde vive a criança, substituindo os livros tradicionais.

— O que ocorre com frequência, hoje, é um menino passar pela escola, crescer e viver em um município sem saber, por exemplo, onde nasce o rio que corta a cidade — afirma a professora Veralúcia Rodrigues Lins, diretora do Departamento de Recursos Tecnológicos da Secretaria, que coordenou a elaboração das primeiras 15 cartilhas. A culpa, segundo ela, é do material didático existente no mercado. “Para que se tenha uma idéia, as escolas de Pernambuco adotam livros de estudos sociais que são aplicados, simultaneamente, em regiões tão diferentes quanto as capitais do Nordeste e o interior de Minas Gerais”, afirma, orgulhosa ao reconhecer o pioneirismo da iniciativa: “Não se tentou nada parecido no Brasil até hoje”.

## Histórias descobertas

Até o momento foram desenvolvidas 15 cartilhas, que trazem todas as informações que uma criança nas primeiras séries do 1º grau precisa receber sobre local em que vive. “Estamos trabalhando neste projeto há dois anos e, se avançamos tão pouco até aqui, foi porque tivemos preocupação de fazer um trabalho informativo e didático”, explica Veralúcia, acrescentando que a Secretaria contou com a supervisão pedagógica da professora Cosete Ramos, do MEC e da UnB.

Os 15 municípios escolhidos foram os pólos de atração regional e a própria capital. Conta Veralúcia Lins que uma das preocupações que marcaram o início do trabalho foi a de envolver as comunidades na elaboração das cartilhas. “Não se tratava apenas de confeccionar mais uma série de livros didáticos. Colocando uma equipe afiada para trabalhar, sairia até mais fácil e rápido. Mas nós preferimos treinar pessoas das próprias cidades para coletar os dados e elaborar as cartilhas, estimulando-as ainda a mobilizar a sociedade na empreitada”, diz Veralúcia, acrescentando que uma das etapas mais ricas do desenvolvimento do trabalho foi a capacidade que as equipes encontraram para superar as dificuldades.

— Às vezes, a equipe, ao preparar o capítulo sobre os símbolos do município, constatava que não existiam bandeira ou hino. Até concursos foram criados para resolver o problema. Mais comum ainda era enfrentar uma luta terrível para coletar dados sobre o folclore local, sem qualquer documentação — conta Veralúcia, lembrando que, nestes casos, o recurso à memória das pessoas mais velhas da cidade acabava sendo a solução.

Nos casos em que faltavam mapas, informações demográficas ou de natureza sócio-econômica, os pesquisadores faziam contatos com entidades oficiais como o IBGE, a Sudene, as prefeituras e as fundações estaduais que municiam de dados técnicos os municípios litorâneos e do interior.

## Simbologia

As cartilhas ensinam o que é um município, seu conceito jurídico e político, localiza-o no mapa do estado e do país, fala sobre sua constituição física, relevo, climas, hidrografia, indo até as características sócio-culturais da população.

— A idéia de focalizar o município tem sentido quando se sabe que é ele que está ao alcance da compreensão da criança, ao contrário do país e do estado, que são entidades abstratas — comenta Veralúcia Lins.

Na elaboração das cartilhas, cada equipe, composta de três professoras escolhidas entre as que atuam no município, elegeu um símbolo, a partir do qual se realiza a narrativa. “Achamos interessante, por exemplo, a solução do pessoal de Caruaru, que criou um garoto parecido com um boneco do Mestre Vitalino”, lembra Veralúcia, acrescentando que outras equipes acharam soluções semelhantes. O município de Petrolina usou como símbolo uma carranca, e o de Araripina, cidade do Alto Sertão, elegeu um cacto como mestre de carimônias de sua cartilha.

— O importante nisso tudo é que conseguimos até ir além da nossa proposta inicial, porque estamos registrando também a história dos municípios. Informações que estavam desencontradas e até condenadas à perda definitiva foram, finalmente, impressas. E isso é gratificante — afirma a coordenadora do projeto. O trabalho, segundo Veralúcia Lins, ainda não está concluído. As cartilhas, por enquanto, são apenas apostilas, que serão experimentadas na prática em unidades pioneiras, para só depois receber a aprovação final. “Por enquanto as cartilhas foram aprovadas pelos técnicos, mas quem vai dizer se estão boas para as crianças são elas mesmas”, afirma Veralúcia.

Limoeiro (PE) — Foto de Natanael Guedes



*Pesquisadoras descobriram que tirar areia é mais importante que a cana e a pecuária.*